Biblioteca Virtualbooks

Porque não se matava

LIMA BARRETO

Porque não se matava

Esse meu amigo era o homem mais enigmático que conheci. Era a um tempo taciturno e expansivo, egoísta e generoso, bravo e covarde, trabalhador e vadio. Havia no seu temperamento uma desesperadora mistura de qualidades opostas e, na sua inteligência, um encontro curioso de lucidez e confusão, de agudeza e embotamento.
Nós nos dávamos desde muito tempo. Aí pelos doze anos, quando comecei a estudar os preparatórios, encontrei-o no colégio e fizemos relações. Gostei da sua fisionomia, da estranheza do seu caráter e mesmo ao descansarmos no recreio, após as aulas, a minha meninice contemplava maravilhada aquele seu longo olhar cismático, que se ia tão demoradamente pelas coisas e pelas pessoas.
Continuamos sempre juntos até à escola superior, onde andei conversando; e, aos poucos, fui verificando que as suas qualidades se acentuavam e os seus defeitos também.
Ele entendia maravilhosamente a mecânica, mas não havia jeito de estudar essas coisas de câmbio, de jogo de bolsa. Era assim: para umas coisas, muita penetração; para outras, incompreensão.
Formou-se, mas nunca fez uso da carta. Tinha um pequeno rendimento e sempre viveu dele, afastado dessa humilhante coisa que é a caça ao emprego.
Era sentimental, era emotivo; mas nunca lhe conheci amor. Isto eu consegui decifrar, e era fácil. A sua delicadeza e a sua timidez faziam a compartilha com outro, as coisas secretas de sua pessoa, dos seus sonhos, tudo o que havia de secreto e profundo na sua alma.
Há dias encontrei-o no chope, diante de uma alta pilha de rodelas de papelão, marcando com solenidade o número de copos bebidos.
Foi ali, no Adolfo, à Rua da Assembléia, onde aos poucos temos conseguido reunir uma roda de poetas, literatos, jornalistas, médicos, advogados, a viver na máxima harmonia, trocando idéias, conversando e bebendo sempre.
E uma casa por demais simpática, talvez a mais antiga no gênero, e que já conheceu duas gerações de poetas. Por ela, passaram o

Gonzaga Duque, o saudoso Gonzaga Duque, o B. Lopes, o Mário Pederneiras, o Lima Campos, o Malagutti e outros pintores que completavam essa brilhante sociedade de homens inteligentes.
Escura e oculta à vista da rua, é um ninho e também uma academia. Mais do que uma academia. São duas ou três. Somos tantos e de feições mentais tão diferentes, que bem formamos uma modesta miniatura do Silogeu.
Não se fazem discursos à entrada: bebe-se e joga-se bagatela, lá ao fundo, cercado de uma platéia ansiosa por ver o Amorim Júnior fazer sucessivos dezoitos.
Fui encontrá-lo lá, mas o meu amigo se havia afastado do ruidoso cenáculo do fundo; e ficara só a uma mesa isolada.
Pareceu-me triste e a nossa conversa não foi logo abundantemente sustentada. Estivemos alguns minutos calados, sorvendo aos goles a cerveja consoladora.
O gasto de copos aumentou e ele então falou com mais abundância e calor. Em princípio, tratamos de coisas gerais de arte e letras. Ele não é literato, mas gosta das letras, e as acompanha com carinho e atenção. Ao fim de digressões a tal respeito, ele me disse de repente:
- Sabes por que não me mato?
Não me espantei, porque tenho por hábito não me espantar com as coisas que se passam no chope. Disse-lhe muito naturalmente:
- Não.
- Es contra o suicídio?
- Nem contra, nem a favor; aceito-o.
- Bem. Compreendes perfeitamente que não tenho mais motivo para viver. Estou sem destino, a minha vida não tem fim determinado. Não quero ser senador, não quero ser deputado, não quero ser nada. Não tenho ambições de riqueza, não tenho paixões nem desejos. A minha vida me aparece de uma inutilidade de trapo. Já descri de tudo, da arte, da religião e da ciência.
O Manuel serviu-nos mais dois chopes, com aquela delicadeza tão dele, e o meu amigo continuou:
- Tudo o que há na vida, o que lhe dá encanto, já não me atrai, e expulsei do meu coração. Não quero amantes, é coisa que sai sempre uma caceteação; não quero mulher, esposa, porque não quero ter filhos, continuar assim a longa cadeia de desgraças que herdei e está em mim em estado virtual para passar aos outros. Não quero viajar; enfada. Que hei de fazer?
Eu quis dar-lhe um conselho final, mas abstive-me, e respondi, em contestação:
- Matar-te.
- E isso que eu penso; mas...

A luz elétrica enfraqueceu um pouco e cri que uma nuvem lhe passava no olhar doce e tranqüilo.
- Não tens coragem?- perguntei eu.
- Um pouco; mas não é isso o que me afasta do fim natural da minha vida.
- Que é, então?
- E a falta de dinheiro!
- Como? Um revólver é barato.
- Eu me explico. Admito a piedade em mim, para os outros; mas não admito a piedade dos outros para mim. Compreendes bem que não vivo bem; o dinheiro que tenho é curto, mas dá para as minhas despesas, de forma que estou sempre com cobres curtos. Se eu ingerir aí qualquer droga, as autoridades vão dar com o meu cadáver miseravelmente privado de notas do Tesouro. Que comentários farão? Como vão explicar o meu suicídio? Por falta de dinheiro. Ora, o único ato lógico e alto da minha vida, ato de suprema justiça e profunda sinceridade, vai ser interpretado, através da piedade profissional dos jornais, como reles questão de dinheiro. Eu não quero isso...
Do fundo da sala, vinha a alegria dos jogadores de bagatela; mas aquele casquinar não diminuía em nada a exposição das palavras sinistras do meu amigo.
- Eu não quero isso- continuou ele. Quero que se de ao ato o seu justo valor e que nenhuma consideração subalterna lhe diminua a elevação.
- Mas escreve.
- Não sei escrever. A aversão que há na minha alma excede às forças do meu estilo. Eu não saberei dizer tudo o que de desespero vai nela; e, se tentar expor, ficarei na banalidade e as nuanças fugidias dos meus sentimentos não serão registradas. Eu queria mostrar a todos que fui traído; que me prometeram muito e nada me deram; que tudo isso é vão e sem sentido, estando no fundo dessas coisas pomposas, arte, ciência, religião, a impotência de todos nós diante de augusto mistério do mundo. Nada disso nos dá o sentido do nosso destino; nada disto nos dá uma regra exata de conduta, não nos leva à felicidade, nem tira as coisas hediondas da sociedade. Era isso...
- Mas vem cá: se tu morresses com dinheiro na algibeira, nem por tal...
- Há nisso uma causa: a causa da miséria ficaria arredada.
- Mas podia ser atribuído ao amor.
- Qual. Não recebo cartas de mulher, não namoro, não requesto mulher alguma; e não podiam, portanto, atribuir ao amor o meu desespero.

- Entretanto, a causa não viria à tona e o teu ato não seria aquilatado devidamente.
- De fato, é verdade; mas a causa-miséria não seria evidente. Queres saber de uma coisa? Uma vez, eu me dispus. Fiz uma transação, arranjei uns quinhentos mil-réis. Queria morrer em beleza; mandei fazer uma casaca; comprei camisas, etc. Quando contei o dinheiro, já era pouco. De outra, fiz o mesmo. Meti-me em uma grandeza e, ao amanhecer em casa, estava a níqueis.
- De forma que é ter dinheiro para matar-te, zás, tens vontade de divertir-te.
- Tem me acontecido isso; mas não julgues que estou prosando. Falo sério e franco.
Nós nos calamos um pouco, bebemos um pouco de cerveja, e depois eu observei:
- O teu modo de matar-te não é violento, é suave. Estás a afogar-te em cerveja e é pena que não tenhas quinhentos contos, porque nunca te matarias.
- Não. Quando o dinheiro acabasse, era fatal.
- Zás, para o necrotério na miséria; e então?
- E verdade... Continuava a viver.
Rimo-nos um pouco do encaminhamento que a nossa palestra tomava.
Pagamos a despesa, apertamos a mão ao Adolfo, dissemos duas pilhérias ao Quincas e saímos.
Na rua, os bondes passavam com estrépido; homens e mulheres se agitavam nas calçadas; carros e automóveis iam e vinham...
A vida continuava sem esmorecimentos, indiferente que houvesse tristes e alegres, felizes e desgraçados, aproveitando a todos eles para o seu drama e a sua complexidade.

****

SOBRE O AUTOR E SUA OBRA

Lima Barreto

A passagem do século XIX ao XX foi decisiva para a literatura brasileira, instaurando aspectos que serão consolidados de maneira definitiva. Vivendo esse momento que recolhe o passado para lançá-lo ao futuro, a vida de LIMA BARRETO se distende pelos dois séculos, findando justamente no ano simbólico da Semana de Arte Moderna de 22. Ao lado da de Machado de Assis, sua prosa é das mais representativas da ficção urbana brasileira, que se afirma nessa época e tem o Rio de Janeiro, capital recente do país, como principal fonte instigadora. Talvez apenas Nelson Rodrigues, décadas mais tarde, tenha conseguido narrar o cotidiano humilde da pequena classe média do subúrbio com elementos tão vivos e disparatados quanto esse mestiço que se transformou num crítico ferrenho da perversa hipocrisia social. Marcado por uma vida trágica e maldita, Lima Barreto deixa para a posteridade um Diário do Hospício, impactantes narrativas confessionais e fragmentárias que são exemplos estarrecedores da fusão entre literatura e vida.

OBRAS

Recordações do Escrivão Isaías Caminha (1909); Triste Fim de Policarpo Quaresma (1911); Numa e a Ninfa (1915); Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá (1919); Histórias e Sonhos (1920); Os Bruzundangas (1922); Bagatelas (1923); Clara dos Anjos (1923-1924); Vida Urbana (1956); Marginália (1956); Diário Íntimo (1956); Diário do Hospício (1956).

POR UMA IDENTIDADE URBANA

"Diante desta cidade fragmentada, Lima Barreto assume a tarefa de, como escritor e intelectual, costurar a identidade de uma cidade ainda não completamente formada e já em dilaceração." (Beatriz Resende, Lima Barreto e o Rio de Janeiro em Fragmentos)

UM CURTO-CIRCUITO CRÍTICO NO UFANISMO

“A ficção de Lima Barreto seria o elemento que irromperia na cadeia discursiva nacional ufanista, causando um curto-circuito crítico que é implacável. É o primeiro e histórico curto-circuito operado na cadeia.” (Silviano Santiago, Vale quanto Pesa)

Extrato da obra Triste Fim de Policarpo Quaresma

De fato, ele estava escrevendo ou mais particularmente: traduzia para o ‘clássico’ um grande artigo sobre ‘Ferimentos por armas de fogo’. O seu último truque intelectual era este do clássico. Buscava nisto uma distinção, uma separação intelectual desses meninos por aí que escrevem contos e romances nos jornais. Ele, um sábio, e sobretudo um doutor: não podia escrever da mesma forma que eles. A sua sabedoria superior e o seu título ‘acadêmico’ não podiam usar da mesma língua, dos mesmos modismos, da mesma sintaxe que esses poetastros e literatos. Veio-lhe então a idéia do clássico. O processo era simples: escrevia do modo comum, com as palavras e o jeito de hoje, em seguida invertia as orações, picava o período com vírgulas e substituía incomodar por molestar, ao redor por derredor, isto por isto, quão grande ou tão grande por quamanho, sarapintava tudo de ao invés, empós, e assim obtinha o seu estilo clássico que começava a causar admiração aos seus pares e ao público em geral.